

Europeu vive a sensação de "buraco sem fundo"

Luciana Coelho

Pivô da atual crise, região passa a questionar "o que fez de errado"

Desde que estourou a crise da dívida pública, no fim de 2009, a Folha visitou Grécia, Portugal, Espanha e Itália (países no foco da questão) e Alemanha e Reino Unido, economias de mais peso, cujos deficit também assustam.

Todos já anunciaram arrocho e cortes drásticos (exceto a Alemanha, que, segundo jornais financeiros, prepara um pacote de medidas fiscais visando economia anual de 10 bilhões até 2016).

Há, de fato, a sensação de incerteza sobre o futuro, como o biopsicólogo Peter Walschburger atesta. Mas há também a percepção de que se gastou além do possível e que algo precisa ser feito.

Na semana passada, em Lisboa, o jornalista Antonio Mateus reclamava das explicações, na TV, do premiê José Sócrates sobre seu plano de gastos. "Ele não está falando tudo o que vai cortar", dizia. "Vai ser muito pior."

Essa sensação de buraco sem fundo foi vista também na Grécia e na Espanha. Afundados na crise há mais tempo, os espanhóis, que viram seu índice de desemprego bater na casa dos 20%, são os mais resignados.

Na fila do "paro", desempregados fazem contas para saber quantos meses mais de benefício - pouco mais de 400/mês- podem usufruir. O governo impôs limites.

E começa, aos poucos, a crescer a polarização entre os que dependem e os que não dependem dos benefícios. O sistema, antes louvado quase sem contestação como uma conquista da Europa, hoje é alvo de críticas ferinas.

Multiplicam-se queixas como a da norueguesa cuja vizinha se diz inválida e colhe pensão por sofrer dores nas costas e a de uma brasileira na Irlanda cujo senhorio declara-se desempregado, recebe do governo auxílio-moradia e aluga seu apartamento a preço alto.

O moral está baixo -tanto que o "Financial Times" celebrava anteontem o concurso musical Eurovision como um "momento de escapismo" e "a única instituição europeia a inspirar otimismo".

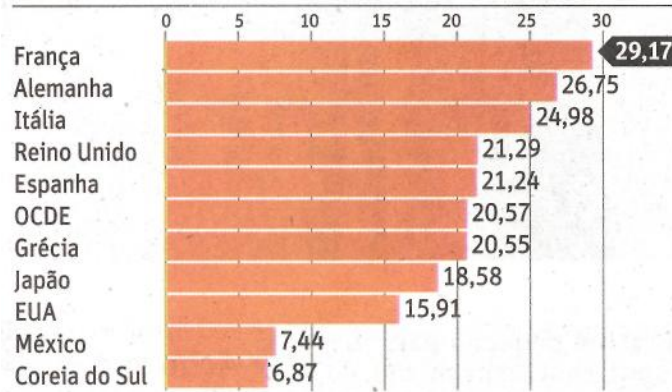
E a percepção de perder seu lugar no mundo se sedimenta entre os europeus. É frequente em conversas informais a busca quase existencialista pelo "o que nós fizemos de errado".

Sobressai então o desconforto -inédito para esta geração- de se ver, repentinamente, como pivô de uma grande crise econômica.

BEM-ESTAR EM NÚMEROS

Gastos sociais do governo em relação ao PIB

Em %*



*Dados de 2005, mais recentes

Fonte: OCDE

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 31 maio 2010, Mercado, p. B7.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais